rebeca

Norma Bengell, máculas e maculelês

Rubens Machado Jr.

Memória

Mácula já designou um ponto cego no aparelho da visão, embora seja mais que isso no dicionário, até mesmo a "pequena área no centro da retina na qual a acuidade visual é máxima" (Aulete). De ponto brilhante a ponto apagado de nosso cenário visível, lembramos aqui Norma Bengell, a mais cinematográfica de nossas atrizes, agora desaparecida. Talvez sempre um tanto sumida, é verdade, de modos diversos, ao longo das cinco décadas em que atuou, a partir da sua estreia, em paródia de La Bardot na chanchada *O homem do Sputnik* (1959), até Dona Deise Coturno, a reticente "lésbica do prédio" na série *Toma lá, dá cá* (2009). Desde o seu aparecimento foi saudada como se o encanto plástico brasileiro de alguma Marta Rocha ganhasse de súbito na grande tela alternativas dramáticas. Sua grandeza se revela e se consolida em pouco tempo. Trabalhou com bons diretores, premiados ou reputados pela crítica, como, entre outros, Carlos Manga, Jorge Ileli, Anselmo Duarte, Ruy Guerra, Walter Hugo Khouri, Domingos de Oliveira, Júlio Bressane, Paulo César Saraceni, Rogério Sganzerla, Ana Carolina e Glauber Rocha; para não falarmos dos italianos Alberto Lattuada, Pasquale Festa Campanile, Mario Bava, Giuliano Montaldo e Sergio Corbucci. A crítica indicou mais de uma vez a importância de sua enorme carreira nacional (internacional até, sem muitos paralelos possíveis com atores brasileiros), em contraste com a pequena coleção de papéis consagradores, para além dos relativamente poucos mais citados, mesmo por cinéfilos de carteirinha. Ou estamos assim tão mal de cinefilia? A crítica pouco fez além do discreto *frisson*, o reiterado indicar passageiro, no decantado semblante de "três raças tristes" um remoto cataclismo. À parte os maculelês e cordiais saudações de praxe, pouco se debateu, estudou ou interpretou sobre o seu reconhecido talento; talvez ainda hoje estejamos despreparados para tanto.

Vida

Corajosa, enfrentou a ditadura, depois teve que se exilar; mesmo até Nelson Rodrigues menciona certo "brio de Joana D'Arc" ("A morte do teatro", 1968, in: A cabra vadia, 2007, p. 318). "Faz parte daquele pequeno e nobre bando de mulherões que representam o sexo feminino em uma certa hora da humanidade. Todo mundo foi apaixonado pela Norma Bengell", disse Domingos de Oliveira, quando soube da sua morte. Inácio Araújo em seu blog comentou "O que me entristece de fato nem é Norma Bengell ter morrido, pois morrer todos morremos. É perceber a absoluta injustiça que o Brasil faz com seus grandes artistas, o abandono a que são relegados, a maneira como foi tratada em vida. Claro, me entristeceu ler das dificuldades econômicas pelas quais passava no fim da vida. Mas muito, muito mais doloroso é saber que isso teve ressonância infinitamente menor que as acusações de roubo feitas há algum tempo. Isso, para mim, é de chorar. Essa ignorância satisfeita, incapaz de reconhecer a beleza de uma obra. Esse ressentimento infinito que pensa que é moralidade".

Trabalho

O feitiço da sensualidade de Norma nas telas proporcionava persistente mistério. Já pela sua fisionomia, mediadora dos diferentes brasis, como pela atenção expectante do seu olhar, a cada aparição La Bengell contaminava a cena, parecia fadada a pressentir os maiores descalabros, como se fosse capaz de enxergar algo que deveria estar nos preocupando. O que sua expectativa nos transmite com singular sex appeal evocaria algo jamais filmado, um mapa obscuro do país, que nos faz, como a ela mesma, um bicho acuado, temeroso do que a noite esconde. Fera porém ferida, o alcance do seu charme de mulher fatal parecia ter como maior vítima, finalmente, a ela própria. Capaz de súplicas, e de nos afligir, o apelo de sua presença, em glamour divino e resistente, é o paradoxo de algo que, mesmo decaído, permaneceu forte, inarredavelmente popular. Seu exigente estar na expectativa tem o esperar que evapora rápido

da arcaica Penélope para a mais escancarada sofreguidão moderna. Sua última aparição foi em montagem carioca da peça de Samuel Beckett - *Dias felizes!* Norma Bengell nos fará falta.